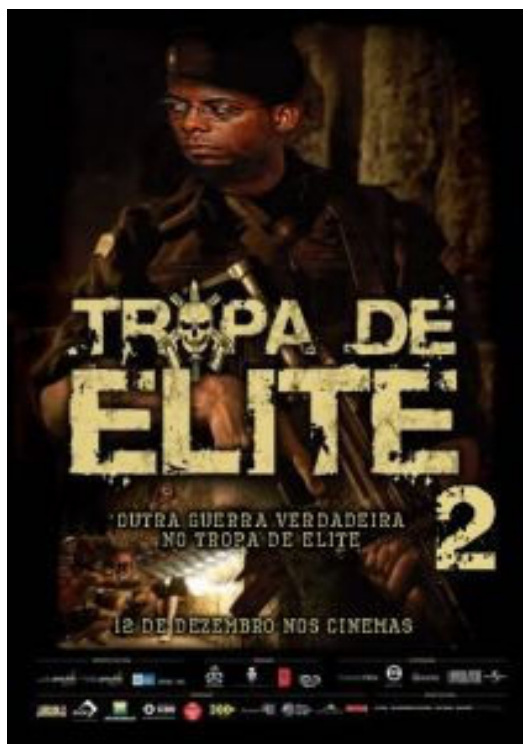


## Quem é a elite da tropa?

Fabrizio Barbosa Maciel\*



O filme “Tropa de Elite 2”, de José Padilha, estreou batendo vários recordes. Um deles é ter seu lançamento no interior do país de forma curiosa. Eu assisti no primeiro dia, em minha cidade natal, Campos dos Goytacazes, Norte do estado do Rio de Janeiro. Nunca vi um filme ‘politizado’ e ‘polemico’ estreiar lá na mesma data oficial da estréia nacional. Sem contar a quantidade de sessões colocada. O argumento do diretor e dos produtores é que a estratégia foi para combater a pirataria. Ok. Mas ela exige dinheiro, o que deve nos fazer pensar um pouquinho mais na peculiaridade e no momento do filme.

É curioso que um filme de subtítulo “O inimigo agora é outro” e cujo tema central é o combate à corrupção na política seja lançado no Brasil em pleno início de segundo turno para eleições presidenciais entre PSDB e PT, cujos discursos políticos – contrariando o senso comum difundido sobre o tema, o de que seriam a mesma coisa - são exatamente o combate à corrupção na política (PSDB) e o interesse na redistribuição de renda e na ascensão econômica e política das classes populares (PT).

Sabemos que toda obra de arte é histórica e contextual. Não é neutra. Nosso Glauber Rocha não foi neutro<sup>1</sup>. O Expressionismo alemão, também não. Muito menos Godard e Truffaut, na França, ou Frank Capra, nos EUA pós crack de 29. Achei engraçado que, quando foi lançado o filme “Lula, filho do Brasil”, de Fábio Barreto, ouvi gente dizendo coisas do tipo “apenas Hitler financiou um filme próprio”, sem naturalmente provar que Lula teria financiado a obra. Agora nos aparece este “Tropa 2” em pleno segundo turno... Uma das estratégias de uma suposta oposição ao atual governo federal do Brasil tem sido a associação, na maioria dos casos, implícita e sutil, da imagem do partido dos trabalhadores, que naturalmente não

<sup>1</sup> Ver livro de Gilberto Felisberto Vasconcellos (2001).

governa sozinho, ou de figuras expressivas dele, com o autoritarismo.

Como todo argumento fluido precisa ser sutil para colar, ou seja, uma meia-verdade, que apele para aparências e dados parciais, neste caso não é diferente. Não posso afirmar que o filme “Tropa de Elite 2” tenha sido produzido e financiado por opositores ao governo federal atual (mesmo sabendo que a Globo Filmes é co-produtora da obra), mas como cidadão antes de tudo, eleitor e intelectual, posso refletir e apresentar algumas possíveis afinidades eletivas entre o filme e certos discursos contrários ao Partido dos Trabalhadores.

Só para contextualizar um pouco o momento político e artístico, vale lembrar que, quando foi lançado o filme sobre a vida de Lula, a oposição ao PT sustentou o argumento do autoritarismo, ao lado do argumento da corrupção na política. No geral, tentaram associar a imagem de Lula ao Fascismo, mesmo depois de oito anos de esforço em prol de políticas sistemáticas para as classes populares. Em sua passagem na UFJF, que presenciei, pude escutar algum incauto desdenhando da performance de Lula, que fala gesticulando os braços, e associando-a ao “Hail Hitler”.

Minha impressão é que parece haver certa antipatia de classe nesta postura, pois ao se escarnecer do jeito de classe popular de Lula, também se escarnece e explicita o preconceito contra as classes populares, ou seja, a classe trabalhadora e a “ralé”, que ele mais representa. É lógico que a imagem contrária é a do jeito bem comportado, da pessoa calma e auto-controlada, da figura intelectual, no sentido restrito deste termo, simbolizada em um FHC.

Como toda falácia é ambígua, ou seja, precisa parecer crítica para confundir o

leitor – e porque não o eleitor -, no segundo turno se associou a imagem da agora presidente eleita Dilma Rousseff ao autoritarismo. Para parecer crítico, o argumento conservador tentou ser sutil. Conseguiria talvez, se não tropeçasse em seu próprio preconceito de classe, que não consegue esconder o incomodo pela ascensão econômica e política das classes populares no Brasil durante os últimos anos. Não cola mais a falácia da continuidade da política dos tucanos, pois tal ascensão dependeu de políticas específicas de redistribuição, como o fomento pesado ao crédito para a chamada “classe C”.

Bem, a criação da imagem autoritária da presidente Dilma tentou ser sutil<sup>2</sup>, por exemplo, em edição recente da Veja, que está fazendo uma seqüência cujas capas todas se remetem ao trocadilho do “Polvo” no poder. Numa delas, a sacanagem disfarçada de crítica e bom senso finge admitir que reconhece avanços de Lula, postura ensinada com todo o cinismo e fingimento da classe média mais estabelecida, e praticada por seu mentor FHC. Ele andou escrevendo coisas recentes neste tom. A revista dizia que Lula resolveu o problema do autoritarismo e da discórdia, mas que Dilma parecia ser um passo atrás neste avanço do partido e do governo.

A mesma antipatia de classe que tenta associar os representantes das classes populares no poder com o autoritarismo, é o que ditou o tom do “Tropa de Elite 1”, sobre o qual escrevi na época<sup>3</sup>.

<sup>2</sup> Às vezes nem tão sutil, como na ingênua personagem criada pelo programa “Casseta & Planeta” da Rede Globo, de nome “Dilmandona”.

<sup>3</sup> Ver MACIEL, F. B. “O que o Bope representa para a brasilidade”, publicado na **Revista Espaço Acadêmico**, nº 82, março de 2008, disponível em [http://www.espacoacademico.com.br/082/82maciel\\_fabricio.htm](http://www.espacoacademico.com.br/082/82maciel_fabricio.htm)

Neste primeiro filme, o tema explícito era a corrupção da polícia e a dificuldade de se enfrentar o problema da segurança pública. O tema implícito era o preconceito de classe, visível quando observamos com calma que, ao invés de um problema de corrupção, como principal questão nacional, o que temos é um problema de classe, no qual a realidade do BOPE é “ralé” matando “ralé”, pois os membros do batalhão são em maioria oriundos de classes populares, colocando seus corpos em defesa das classes estabelecidas.

Em pleno segundo turno, achei curiosa a afirmação de que “o inimigo agora é outro”, como afirma o Tropa 2. O “inimigo” do discurso implícito do filme me parece o mesmo, ou seja, as classes populares, só que o ódio incitado, por ser o momento da eleição, não é diretamente contra a “ralé” que comete crimes desesperada pela miséria, como no primeiro, mas sim contra os seus representantes no poder. Afinal, nunca se falou tanto em corrupção, algo presente em todo capitalismo que já existiu e em todo Estado nacional moderno, logo, presente em cento e poucos anos de Brasil república anteriores ao governo atual. Mas, parece ficar claro com o discurso e o sentimento sutil mobilizados pelo filme “Tropa 2”, se olharmos com calma que, como a falácia tem que ser sutil, é lógico que o bordão seja “o inimigo agora é outro”. O tema explícito do filme é a corrupção da política, como todos sabem.

Também achei curiosa a fala de um conhecido diretor do cinema brasileiro, Daniel Filho, no último festival de cinema realizado no Odeon do Rio de Janeiro, sobre o fato de o filme sobre Lula ter sido indicado para competir ao Oscar de melhor filme estrangeiro nos EUA. Engraçado como as coisas

sutilmente se encaixam. Ele acaba de lançar um belo filme sobre Chico Xavier, certamente uma das personalidades mais importantes da religiosidade brasileira, e por acaso também em época de eleição. Seria ingenuidade e imprudência de sociólogo se eu afirmasse ao leitor que tudo isso é calculado. Mas, posso incitar uma reflexão acerca das afinidades de uma concepção de classes médias estabelecidas com a produção artística em plena época de eleição, e não qualquer eleição, mas sim uma na qual o único governo depois de Getúlio que enfrentou severamente a questão social central do Brasil, que é a de classe, procurava eleger sua sucessora.

Daniel Filho, inconformado desde seu lugar estabelecido de classe, com o fato de o filme que mostra ao mundo um representante do lado mais prejudicado do Brasil chegando ao poder ter sido indicado no lugar dos conservadores, fino que é este diretor, foi afinado com o discurso que atribui ao PT o autoritarismo e, logo, deixa nas entrelinhas que os democráticos são outros... Seu comentário diante de jornalistas foi educadamente sarcástico: “Como é mesmo o nome do filme, Lula o 'dono' do Brasil?” (o nome correto do filme é “Lula, o filho do Brasil”). Com todo o respeito que tenho às religiões, como instituições legítimas, e a religiosidade como um todo, como fenômeno humano universal, bem como à figura de Chico Xavier e a seus fiéis e admiradores, como sociólogo tenho a obrigação de não fugir do dado de que o espiritismo se trata de uma religiosidade muito mais de classe média no Brasil, ainda que Chico tenha pessoalmente ajudado muita gente pobre. Nada disso é calculado, repito. Trata-se de afinidades de classe opostas ao governo atual, expressas por uma arte de classe média, que parece discordar dos ideais e

das políticas atuais que tentam minimizar a desigualdade de classe no Brasil.

Assim, uma boa pergunta para reflexão é: o que é ser autoritário e o que é ser democrático? O discurso do combate à corrupção na política refere-se à “nação” e ao “país” em abstrato. Ora, ninguém fez isso melhor do que Hitler... O discurso e a prática que admite a pesada desigualdade de classe no Brasil é concreto, pois não existe um país ou uma nação sem classes sociais. A própria existência do conceito de classe só faz sentido se pensarmos na desigualdade. Logo, quando ele é sutilmente tirado de foco pelo discurso anti-corrupção, abandona-se a questão social mais importante, marca esta já socialmente registrada da seqüência de filmes “Tropa de Elite”.

Deste modo, ficamos em um discurso abstrato contra o Estado, fortemente simbolizado na cena final do Tropa 2, enfocando o Palácio do Planalto, sequer

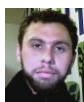
pensamos na corrupção do mercado e ofuscamos a questão central da desigualdade da sociedade brasileira. Espero ter contribuído para uma reflexão sobre quem é a "Elite da Tropa" que afirma pretender enfrentar a corrupção na política, corrupção esta que por acaso sempre favoreceu a classes estabelecidas e não às classes populares. Ou alguém acha que a “ralé”, apartada do mercado de trabalho, bem como a classe trabalhadora contemporânea, dispersa, batalhando em grande parte no trabalho precário e no mercado informal, levam alguma vantagem com a corrupção em Brasília?

#### Referências

SOUZA, J. **A ralé brasileira. Quem é e como vive**. Belo Horizonte; UFMG, 2009.

\_\_\_\_\_. **Os batalhadores brasileiros. Nova classe média ou nova classe trabalhadora**. Belo Horizonte. UFMG, 2010.

VASCONCELLOS, G. F. **Glauber pátria rocha livre**. São Paulo; SENAC, 2001.



\* **FABRICIO BARBOSA MACIEL** é Doutorando em Ciências Sociais na UFJF e na H S FREIBURG, Alemanha; professor da especialização em políticas públicas e gestão social da UFJF.